

Formação em Economia Solidária: uma experiência de formação nas comunidades indígenas da Amazônia

Eixo 3 – Formação do Engenheiro e Educação Popular

Emerson C. Arantes; Leuda E. de Oliveira; Meire J. A. Pereira; Elielma Coelho Derzi

Resumo

O presente artigo visa revelar o processo de formação de educadores e educadoras em Economia Solidária em Roraima a partir da implementação do projeto Centro de Formação em Economia Solidária – CFES/Norte, experiência em Povos Indígenas da Amazônia. A trajetória da ITCPES/UFRR na condução do projeto em parceria com o Fórum Roraimense de Economia Solidária, a Rede de Educação Cidadã, a Delegacia do Ministério do Desenvolvimento Agrário, a Superintendência da Pesca e a ITCPES/UFPA, gestora regional de 2009 a 2012. Um dos principais resultados conquistados ao final do projeto foi à constituição e o fomento às atividades do coletivo de educação da Economia Solidária em Roraima, inserido no Fórum Roraimense de Economia Solidária. Durante a realização das atividades do Centro foi-se desenhando o verdadeiro ambiente da formação de formadores nesta parte da Amazônia. As ações do CFES foram sistematizadas neste trabalho no Centro Macunaíma na Terra Indígena do Alto São Marcos, que compreende 24 comunidades, com as etnias Macuxi, Wapchana e Taurepang, no município de Pacaraima, Estado de Roraima, sendo o projeto CFES uma ferramenta de auxílio e fomento às práticas do trabalho coletivo na Amazônia. Sendo marcada pela seriedade e o compromisso do movimento da Economia Solidária nas comunidades indígenas.

Palavras-chave: educação; Economia Solidária; formação de formadores;

Introdução

O presente artigo visa revelar o processo de formação de educadores e educadoras em Economia Solidária em Roraima a partir da implementação do projeto Centro de Formação em Economia Solidária – CFES/Norte, experiência em Povos Indígenas da Amazônia. Uma sistematização das experiências no Centro Macunaíma na Terra Indígena do Alto São Marcos, que compreende 24 comunidades, com as etnias Macuxi, Wapchana e Taurepang, no município de Pacaraima, Estado de Roraima.

1 A linha do tempo da Economia Solidária no Brasil e em Roraima

A linha do tempo em Economia Solidária visa apresentar um contexto geral sobre a temática. O destaque fica por conta de uma das bandeiras prioritárias levantadas ainda na IV Plenária de Economia Solidária em 2008: a educação, foi ela que se constituiu num dos eixos estruturante da política pública para o movimento de Economia Solidária brasileira. Ela foi pensada e reivindicada como estratégia para o desenvolvimento sustentável de um novo tecido social (RELATÓRIO DA IV PLENARIA NACIONAL DE ES, 2008).

Desse desejo até a implantação do Centro de Formação em Economia Solidária CFES decorreu um ano. A Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego – SENAES/MTE, gestora da política Nacional de Economia Solidária lançou em 2009 os editais para implantação da política de formação para o movimento de Economia Solidária, cujo desenho continha um Centro de Formação Nacional, denominado CFES-Nacional e cinco CFES-Regionais.

A entidade ganhadora do edital do CFES/Norte foi a Universidade Federal do Pará, no âmbito do Programa de Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES/UFPA.

A incumbência do PITCPES/UFPA foi implementar a política de formação nos sete estados da região Amazônia. Em Roraima, a co-executora do projeto foi a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários da Universidade Federal de Roraima –ITCPES/UFRR acompanhada dos parceiros Rede de Educação Cidadã, Forum Roraimense de Economia Solidária, gestores públicos do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA e da Superintendência da Pesca.

A história do processo de formação para Economia Solidária não nasce na IV Plenária. Ela foi fruto dos ricos debates e das inúmeras reivindicações do movimento desde a sua origem, cujo destaque foi no início da década de 2000. A época a SENAES/MTE, foi pautada pelo movimento para a constituição de um programa que desse conta das demandas do movimento.

Nesse processo há o Fórum Brasileiro de Economia Solidária-FBES que é o ente que representa o conjunto dos sujeitos que integram o movimento de Economia Solidária em âmbito nacional. Ele está organizado em todo o país em mais de 160 Fóruns Municipais, Microrregionais e Estaduais, envolvendo diretamente mais de 3.000 empreendimentos de Economia Solidária, 500 entidades de assessoria, 12 governos estaduais e 200 municípios pela Rede de Gestores em Economia Solidária. Seu trabalho é fruto do processo histórico que culminou no I Fórum Social Mundial (I FSM), e contou com a participação de 16 mil pessoas vindas de 117 países, nos dias 25 a 30 de janeiro de 2001. Dentre as diversas oficinas que promoviam debates e reflexões, 1.500 participantes acotovelam-se na oficina denominada “Economia Popular Solidária e Autogestão” que tratava da auto-organização dos/as trabalhadores/as, das políticas públicas e das perspectivas econômicas e sociais de trabalho e renda. (FBES, 2012)

Já a Secretaria Nacional de Economia Solidária tem sua trajetória iniciada a partir de junho de 2003. A Secretaria está vinculada ao Ministério do Trabalho, órgão do governo federal. Seu objetivo é desenvolver Políticas Públicas (PPs) de Economia Solidária que visem valorizar a cooperação e a autogestão, contribuir para o combate à pobreza e à desigualdade social e promover os processos de desenvolvimento mais justos e solidários. Dessa forma, pode-se considerar que nos oito anos de sua existência a SENAES apresenta conquistas significativas no campo da Economia Solidária. (SENAES, 2011)

No campo das Políticas Públicas houve em 2004 a instituição do Programa Economia Solidária em Desenvolvimento, composto por um “conjunto de propostas

que visavam a difusão e a consolidação da Economia Solidária”. (Plano de Ação – SENAES/MTE, 2004). Para a concretização de parte do Programa Nacional, ainda em 2004 a Rede de Gestores e o Forum Brasileiro de Economia Solidária, formataram no âmbito da SENAES o TERMO DE REFERÊNCIA PARA IMPLANTAÇÃO DOS CENTROS DE FORMAÇÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA – CFES.

De 2004 até 2009, início das ações dos CFES, foram decorridos cinco anos. Os documentos referentes a implantação do CFES trazem em seus objetivos: a formação de formadores(as), educadores(as), de gestores(as) públicos que atuam com Economia Solidária, contribuindo para fortalecer seu potencial de inclusão social e de sustentabilidade econômica, bem como, sua dimensão emancipatória. (SENAES, 2009)

Em 2006, mais uma vez o movimento organizado da Economia Solidária pautou a necessidade de uma política pública voltada à qualificação e disseminação das ações de formação. A resposta da SENAES se deu em 2007, quando a Secretaria trouxe o edital e as datas para implantação e funcionamento dos CFES nas cinco regiões do Brasil, como parte da estratégia da Política Nacional de Formação em Economia Solidária.

Para FERRARINI (2011), os CFES são instrumentos de estruturação e potencialização de diversas ações formativas voltadas às necessidades dos empreendimentos econômicos solidários. Além da realização e integração de ações de formação sistemática de agentes formadores (trabalhadores da Economia Solidária, gestores públicos e educadores). Os Centros são também referências para o desenvolvimento e a sistematização de conteúdos e metodologias para a Economia Solidária. Assim, constituem-se em processos e espaços de inovação científica e tecnológica, favorecendo a produção de estudos e pesquisas e a disseminação de conhecimentos e tecnologias formativas apropriadas à realidade e à diversidade dos empreendimentos econômicos solidários.

Segundo Calbino Et al (2011), no Termo de Referência para a Implantação dos CFES, estava a justificativa e a preocupação do governo em relação à formação em Economia Solidária:

O intenso crescimento dos empreendimentos econômicos solidários nos últimos anos exige respostas adequadas e permanentes às suas necessidades de formação e assistência técnica, entre outras. Os trabalhadores(as) da Economia Solidária se deparam no cotidiano com exigências cada vez mais complexas relativas aos processos de autogestão de suas iniciativas coletivas, bem como da necessária busca da eficiência e viabilização das atividades econômicas que realizam. Para isso, faz-se fundamental combinar processos integrados de qualificação social e profissional com oportunidades de elevação de escolaridade e com outras iniciativas de formação política cidadã (CFES1, 2012)

A partir dessa contextualização nacional, o propósito agora passa para um

segundo momento: descrever a linha do tempo da Economia Solidária em Roraima. Ela começa com o nascimento do Fórum Roraimense de Economia Solidária em 22 de dezembro de 2004, com apoio do Movimento Nós Existimos e outros protagonistas populares. O Fórum tem abrangência estadual. Suas atividades tiveram início em 2005, com as reuniões mensais da coordenação estadual. O propósito inicial foi reunir os três segmentos que o compõem – os gestores públicos, os EES e as EAF. Naquele ano foi realizada também a primeira feira de ES cuja programação consistia de reuniões e oficinas para disseminar a ES em Roraima.

Em 2006 foi criada a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares de Empreendimentos Solidários da Universidade Federal de Roraima – ITCPES da Universidade Federal de Roraima - UFRR por conta do fomento da SENAES. A ITCPES/UFRR nasce incubada pela ITCPES/UFPA.

A ITCESP/UFRR portanto, constitui-se num projeto de extensão vinculado a Pró-Reitoria de Extensão da UFRR, que objetiva promover a incubação - formação, assessoramento e acompanhamento junto aos núcleos de Economia Solidária-bem como formar discentes e gestores públicos para o movimento da ES. O projeto foi coordenado inicialmente pela Professora Marlene Grade e atualmente é coordenada pela Professora Meire Joisy Almeida Pereira e os professores Leuda Evangelista de Oliveira, Emerson Clayton Arantes e Anderson Paiva. Conta com cinco bolsistas: Graciele, Gisele, Débora, Dalhas e Bruna. A ITCPES/UFRR já formou, ao longo dos seis anos de existência outras seis bolsistas que estão no mundo trabalho e atuam na dinâmica da ES.

Em 2006, foi realizada a I conferência Estadual de ES, sendo realizada pelo Fórum Roraimense de Economia Solidária em parceria com a Superintendência Regional do Trabalho do MTE em Roraima.

No segundo semestre de 2006 teve início o projeto PPDLES - Projeto de Promoção do Desenvolvimento Local e Economia Solidária - uma iniciativa da SENAES/MTE. O projeto visava promover a geração de emprego e renda, estimular o desenvolvimento sustentável e solidário e fortalecer os EES em comunidades historicamente excluídas. Diversos segmentos foram atendidos pelo projeto dentre eles as mulheres, a juventude, os quilombolas, os indígenas, o Desenvolvimento Comunitário, os trabalhadores desempregados, as cadeias e redes de ES, os catadores de material reciclável e o segmento do turismo, que totalizavam 252 agentes em todo o país. Em cada estado havia um coordenador que acompanhava e orientava os trabalhos dos agentes nas comunidades e em Brasília o projeto tinha um escritório técnico de apoio e infra-estrutura.

O projeto teve como estratégias básicas a articulação de Políticas Públicas; a busca de um novo modelo de desenvolvimento frente ao modelo capitalista, baseado na sustentabilidade e solidariedade, no consumo sustentável, no respeito ao meio ambiente e à cultura tradicional dos povos; na participação e protagonismo popular; e no fortalecimento da Economia solidária que, não se orienta pelos valores mercantis individualistas, pelo contrário, integra diversas iniciativas coletivas na sociedade em torno da potencialização das capacidades locais para promoção

de alternativas de trabalho, renda, cidadania, identidade e melhores condições de vida. Foi esse projeto que deu condições de disseminação da ES no interior de Roraima.

Em 2007, o movimento de economia solidária em Roraima estabeleceu diálogo junto ao governo estadual para a concessão de um espaço público para o movimento de ES, na qual foi cedido o espaço para a secretaria do Fórum, para a produção e comercialização dos produtos. Neste mesmo ano aconteceu a segunda II feira de ES e Agricultura familiar e a realização de formações.

No mesmo ano houve também a incubação dos seis EES pela ITCPES/UFRR conforme relata Grade e Pereira (2010).

A outra realização em 2007 foi o II mapeamento dos EES realizada pela Associação Nacional de Trabalhadores e Empresa de Autogestão (ANTEAG) e Fórum Roraimense de Economia Solidária-FESOL.

Ainda em 2007, foi realizada a I Plenária Estadual em preparação a IV Plenária Nacional. Também foram promovidas formações pela ITCPES/UFRR aos EES que trabalhavam ES e sua organicidade.

Os anos de 2008, 2009 e 2010 foram realizados os trabalhos que estavam na pauta da SENAES e do FBES, ou seja, aconteceram reuniões, formações, feiras de comercialização e eventos.

Ainda em 2008, por conta de um Contrato com o Banco da Amazônia, a ITCPES/UFRR realizou o 1º Seminário de ES de Roraima no dia 16/10/2008, com apoio e parceria do Fórum Roraimense e da RECID. O tema do evento foi “alternativa de desenvolvimento econômico e social a partir de outro modelo de organização”. Foi nesse ano que o movimento conseguiu a concessão do Governo de Roraima para uso do espaço público em nome da associação das costureiras do Bairro Santa Tereza, situado no bairro Santa Tereza, capital Boa Vista.

Em 2009 é publicado o mapeamento dos EES. Ação só visou mapear os EES. Porém, Culti (2010, p. 10) nos explica que posteriormente foram definidos outros dois conceitos do SIES: Entidades de Apoio, Assessoria e Fomento à Economia Solidária (EAFs¹) e as Políticas Públicas de Economia Solidária (PPES²).

Em Roraima foram mapeados 126 EES de acordo com o SIES (2008). Pelos dados do Sistema, 13 empreendimentos - o que corresponde a 10,31% - estão em fase de implantação e 113 (89,68%) estão em funcionamento. As características deles referem-se ao tamanho, ou seja, a grande maioria são formados de até 10 sócios (35%) e estão organizados em associações e grupos informais.

Segundo Lemos (2011), observou-se e que a ES está presente significativamente no setor urbano (41%), mas também alcança os trabalhadores do setor rural (34%),

¹ Aquelas organizações que desenvolvem ações nas várias modalidades de apoio direto junto aos EES tais como: capacitação, assessoria, incubação, assistência técnica e organizativa e acompanhamento (SENAES 2006, p. 13).

² Aquelas ações, projetos ou programas que são desenvolvidos ou realizados por órgãos da administração direta ou indireta das esferas municipal, estadual ou federal com o objetivo do fortalecimento da economia solidária (Ibid., p.13).

assim como atinge atividades solidárias na área urbana e rural (25%). Como resultado dessa atuação urbana, tem-se 42 EES mapeados na cidade de Boa Vista-capital, conforme figura abaixo:

Figura 1 – Mapa – Quantidade de EES em Roraima – números absolutos

Fonte: SENAES/SIES (2008) – Dalila Marques Lemos (2011)

Ainda segundo a autora, a criação de EES em Roraima – conforme gráfico 1 – é motivada principalmente pela alternativa ao desemprego e à complementação da renda aos associados, e a possibilidade de desenvolvimento de uma atividade produtiva onde todos são donos.

Gráfico 1 – Motivos para criação dos EES % – Roraima

Fonte: dados do SENAES/SIES (2008) – elaborado por Lemos (2011)

Portanto, observa-se que a Economia Solidária em Roraima, começa a ganhar destaque, e um corpo de protagonistas na medida em que são implementadas as políticas públicas. Constata-se que, seja a organização do movimento de ES em Roraima, seja a criação da incubadora ES pela UFRR, ações que só foram

possíveis porque existiram estímulos externos, via políticas públicas do governo federal.

O que se conclui que em Roraima, o movimento de Economia Solidária só foi possível por conta da chegada dessas políticas. Outra conclusão é de que o movimento da ES nasceu de cima para baixo; esse fenômeno explica portanto, os motivos do movimento de ES em Roraima ser desarticulado e pouco combativo.

2 O Projeto CFES em Roraima

A política de formação de formadores em ES materializada por meio do projeto CFES/NORTE não percorreu a trajetória da maioria das políticas convencionais, ou seja, via do pacto federativo¹. O Projeto CFES/Norte teve suas atividades iniciadas em novembro de 2009 na cidade de Belém-PA, num seminário de abertura promovido pela PITCPES/UFPA. O evento contou com a participação do gestor público Roberto Marinho, representante da SENAES/MTE e de todos os representantes dos sete Estados da região. O PITCPES/UFPA, na oportunidade deu posse aos membros do Comitê Gestor do projeto, formado por dois representantes de cada Estado da região.

A forma como o projeto CFES chegou em Roraima foi por meio da articulação da ITCPES/UFRR com o PITCPES/UFPA, vencedora do edital regional. Esse modelo por si só já demonstra como o Estado brasileiro vem tratando suas demandas sociais e operacionalizando as políticas públicas. Como o desenho foi regional, os estados que compõem a Amazônia não tiveram qualquer ingerência na aplicação dos recursos financeiros. Tudo ficou centralizado na Fundação de Apoio à UFPA. Um modelo que dificultou em muito as atividades. Um sinal claro de descaminho da política.

Críticas à parte, o projeto CFES se materializou em Roraima por meio da ação da ITCPES/UFRR. O projeto constitui-se numa ação de Extensão. A ITCPES/UFRR no âmbito do movimento de ES é uma Entidade de Apoio e Fomento – EAF. Suas atividades são oferecer formação, apoio, assessoramento técnico aos EES, Gestores públicos, bolsistas e a comunidade em geral. Operacionaliza programas nacionais de ES como o Mapeamento – SIES – de 2009, o PRONINC, o PROEXT, o próprio CFES. Realiza formações, seminários, palestras, participa de concursos como o prêmio Samuel Benchimol, o prêmio Celso Furtado, apoia feiras, fomenta e implementa a construção coletiva de tecnologias sociais. Atualmente a ITCPES/UFRR incuba uma cooperativa de EES denominada COOFEC's, a primeira Cooperativa de ES da cidade de Boa Vista.

Do ponto de vista estrutural, a ITCPES/UFRR dispõe de uma ampla sala localizada no bloco IV da UFRR, no Campus do Paricarana, de materiais de consumo, máquinas e equipamentos, seis bolsistas de diversas áreas do conhecimento e quatro professores coordenadores de áreas. Além de contar com apoio da Pró-Reitoria de Extensão e da administração superior em suas atividades cotidianas.

A coordenação pedagógica no projeto CFES foi da professora Leuda Evangelista Oliveira, tendo como apoio os professores Emerson Clayton, Anderson Paiva e Meire Joisy. Vale lembrar que quando demandada, a administração superior da

UFRR, sempre se disponibilizou em conceder à ITCPES espaço físico, recursos materiais e transporte para realização dos eventos do CFES – ou seja, salas de aula, auditórios, espaços de convivência e meios de comunicação para disseminação do projeto.

Independente de contar com o apoio da UFRR, o projeto CFES deveria dispor das condições objetivas para o atendimento de suas metas, questões que na realidade não aconteceram; o que trazia desconfortos e descontinuidade na equipe.

Por outro lado, foi por conta desse projeto que a ITCPES/UFRR fortaleceu seus laços de parcerias e formação, especialmente na constituição de um quadro de educadores e educadoras para a ES no Estado.

Outra constatação relacionada ao projeto CFES foi de que as atividades do projeto demandaram esforços para além das condições da ITCPES/UFRR, por isso a busca por parcerias. Nesse sentido, a articulação e a parceria com o Forum Roraimense de Economia Solidária, com a Rede de Educação Cidadã, com a Delegacia Federal do Ministério do Desenvolvimento Agrário e com a Superintendência da Pesca foram fundamentais. Todos esses agentes estiveram imbuídos em disseminar e promover a educação, nos princípios da ES no Estado. Infelizmente não nos moldes desenhados pelo projeto – atender a formação de formadores.

Nas atividades realizadas localmente grande parte dos participantes eram oriundos de EES. Os formadores, alvo prioritários do projeto foram sendo forjados na medida em que as atividades eram desenvolvidas. Outro descaminho constatado.

Do ponto de vista quantitativo, ao final do CFES/Roraima foram mapeados 15 formadores, que participaram dos cursos nacionais, regionais, estaduais, oficinas e reuniões. Foram eles que, ao final do processo se autodefiniram como educadores de ES. Um ganho significativo para o Estado. Esses educadores estão mapeados num projeto maior do CFES/Nacional. Há uma página no sitio do Fórum Brasileiro de ES onde estão todos os educadores e educadores formados pelo projeto CFES. Um ganho para o movimento. Um sinal objetivo de caminho alcançado pelo projeto.

Outro caminho deixado pelo projeto diz respeito aos materiais sistematizados ao longo dos três anos de atividades. Foram cartilhas que descreveram o percurso formativo dos educadores e educadoras em ES no Brasil. Inúmeras experiências de EES, de Fóruns, de EAFs, que subsidiarão os futuros trabalhos no campo da educação, seja do ponto de vista de conteúdo, de carga-horária, de pessoas com especialidades naquela determinada área e ou na sistematização das experiências de cada protagonista do processo. Um ganho substancial para todos que integram o movimento de ES no Brasil.

E nessa caminhada de dimensões ora local, ora regional e ora nacional foi-se formando redes, teias de contatos capazes de conceber novos movimentos de atendimentos às demandas da ES. Em Roraima o traço mais evidente dessa jornada foi à aproximação e o fortalecimento da ITCPES/UFRR com o Fórum Roraimense, bem como o papel da Cooperativa de Empreendimentos Solidários – COOFEC'S. A aproximação do movimento com as prefeituras municipais, com as secretarias municipais, com os movimentos sociais dos territórios da cidadania,

com os projetos de assentamentos da reforma agrária. Uma gama de sujeitos que tiveram contato pela primeira vez com os princípios da ES por meio do Projeto CFES. Esse foi um ganho extraordinário.

No decorrer da jornada ficou evidente o papel dos verdadeiros protagonistas das ações, seja na perspectiva da captação das demandas, seja realização dos eventos e na disseminação dos princípios da ES pelo Estado.

Além dos parceiros já citados, outros vieram fortalecer as ações, como foi o caso do Projeto Brasil Local, da OMIR, Organização das Mulheres Indígenas de Roraima, da ODIC, Organização dos Indígenas da Cidade, do Instituto Superior Indígena - Insikiran da UFRR, da ASPRAN, Associação dos Produtores Rurais de Campos Novos e da Associação de Produtores do Cantá. Enfim homens, mulheres, educadores e educadoras que se comprometeram e se empenharam em concretizar o processo formativo de educadores e educadoras da ES em Roraima.

Do ponto de vista quantitativo, o CFES/Roraima no primeiro ano de atividades atuou exclusivamente na cidade de Boa Vista, capital do Estado. Nesse período foram atendidos 236 participantes nos nove eventos realizados – reuniões, oficinas e cursos. Com esses resultados, os membros do Conselho Gestor de Roraima partiram para Belém e na reunião desse Comitê perceberam que em outros Estados as atividades estavam sendo interiorizadas por meio de parcerias, uma vez que havia escassez e limitações dos recursos financeiros.

Constatada essa oportunidade a gestão do CFES/Roraima junto com o Forum Roraimense partiram para interiorizar as atividades. Infelizmente isso não aconteceu no ano subsequente ao primeiro por conta da solução de continuidade que o projeto sofreu. O ano de 2011 as atividades não aconteceram porque a gestora financeira dos recursos, Fundação de Apoio à UFPA não concluiu as licitações relativas à alimentação. Assim, 2011 não tivemos qualquer atividade.

Mas em 2012 as atividades do CFES/Roraima voltaram com todo o vigor e as ações coletivas colheram bons frutos. Os efeitos positivos não ficam exclusivamente no projeto CFES, eles foram espalhados para outras questões como por exemplo a organização da audiência pública no âmbito das reivindicações do Projeto de Lei 865. O abaixo assinado para a renovação da concessão do espaço físico do Governo do Estado de Roraima para os EES continuarem instalados na feirinha do bairro Santa Tereza. Espaço que o movimento tem se empenhado para torná-lo um espaço de referência da ES. Ali os ES produzem e comercializam seus produtos. Outros desdobramentos desse fortalecimento foi a elaboração da proposta para o Edital da SENAES. Sobre este quesito o resultado foi negativo porque a Secretaria Estadual do Trabalho e Bem-Estar Social perdeu o prazo para envio da proposta. Mas o movimento local também foi mobilizado para apoiar o Estado do Amazonas do edital do CFES 2, uma clara demonstração de que o projeto CFES fortaleceu as alianças regionais.

Ainda nessa linha dos caminhos da política proporcionada pelo projeto CFES, outro ganho substancial do ponto de vista dos acúmulos, das trocas de saberes e das experiências, foram os encontros no âmbito do CFES/Nacional e do Regional. Eles se tornaram verdadeiros espaços de interação e de integração do movimento.

Como tais encontros guardaram certa regularidade, eles foram capazes de proporcionar as aproximações, os debates acalourados e a constituição de soluções para problemas comuns. Era naqueles momentos que ficava clara a dimensão continental que tem o Brasil e as suas diversas e difusas das realidades. Daí a expressão de que a política pública concebida na perspectiva nacional muda quando é operacionalizada no local.

E quando se trata do contexto amazônico esses traços tornam-se mais evidentes em face das limitações estruturais da região. As condições de logística, de comunicação, de profissionais, de fornecedores são sofríveis. Motivos de sobra para que o projeto não se efetivasse na plenitude como em outras regiões mais desenvolvidas do país.

Por outro lado, ficou evidente também que foi nessa mesma região que, diante de tantos desafios conseguiu-se construir soluções criativas.

A interiorização das atividades foi uma dessas soluções que trouxeram amplitude à política. Se por um lado foi positivo porque conseguimos levar os princípios da ES para os municípios de Roraima, por outro lado, esse movimento só foi possível por conta do sacrifício que os educadores e educadores fizeram para concretizar esse intento.

Os resultados dessa interiorização estão expressos na quantidade de participantes dos eventos. No segundo ano o CFES/Roraima além de continuar atendendo às demandas de Boa Vista, chegou-se aos municípios do Cantá, de Caracaraí, de Mucajaí, Caroebe, de Rorainópolis e de Pacaraima. Nesse último atendemos às comunidades indígenas da Terra Indígena Raposa Serra do Sol e São Marcos. No total foram 891 participantes em 2012. O destaque ficou para o último curso que aconteceu na Orla Taumanam onde os discentes do curso de Gestão indígena do Instituto Insikiran participaram expressivamente.

Enfim, do ponto de vista mais geral se considerarmos os propósitos do projeto CFES/Roraima o resultados foram positivos seja na perspectiva do atendimento aos participantes, seja pela disseminação dos princípios da ES.

Entretanto, os sacrifícios vivenciados por conta do desenho regional, ou seja, dos recursos terem sido gerenciados exclusivamente pela UFPA, não possibilitando aos co-executores locais quaisquer autonomia acerca da aplicação dos recursos financeiros, seja na contratação de pessoal, na aquisição de material de consumo, na alimentação, na hospedagem e no pagamento dos educadores. Situações que causaram inúmeros transtornos de todas as dimensões. Aspectos que consideramos um descaminho.

Nas próximas linhas relataremos a sistematização do trabalho de Formação em Economia Solidária na Comunidade Indígena do Alto São Marcos, no município de Pacaraima.

3 A experiência da sistematização na terra indígena São Marcos

A sistematização em ES foi um dos objetivos do projeto CFES. Nessa atividade estava prevista a participação coletiva dos protagonistas do processo no relato de suas experiências, vivências e saberes. Enfim, o relato das suas práticas solidárias

cotidianas. Em Roraima, o processo da escolha da sistematização de uma experiência foi coletivo. Decidimos apresentar a experiência de formação em uma comunidade indígena. A experiência escolhida foi realizada no Centro Macunaima na Terra Indígena do Alto São Marcos, no município de Pacaraima. Lá foram realizados um curso e duas oficinas. Além de visitas para organização das formações. Os eventos só foram possíveis por conta da parceria indispensável da ODIC. A educadora que realizou a oficina de sistematização foi Elielma Coelho Derzi, uma militante do movimento e uma das principais protagonistas no processo de formação no Estado.

A oficina de sistematização iniciou com o resgate, uma linha do tempo do projeto CFES/Roraima na terra indígena Alto São Marcos no ano de 2012. Foi lembrado que durante a execução do projeto CFES, foram realizadas duas oficinas e um curso que reuniu as lideranças indígenas, jovens, artesãos, gestores públicos e entidades de apoio as comunidades indígenas, além de reuniões de mobilização antes das atividades; houve também outras formações relacionadas a Economia Solidária que estava diretamente ligada ao CFES, mas não como meta do projeto.

O processo de formação aconteceu de forma objetiva com um olhar que continha a perspectiva da organicidade do movimento de Economia Solidária dentro da Terra Indígena Alto São Marcos, que compreende 24 comunidades, com as etnias Macuxi, Wapchana e Taurepang.

Quando as formações iniciaram ficou claro o papel do formador, ou seja, ele estava ali para mobilizar saberes, articular ações e fomentar o trabalho coletivo. No olhar da educadora acerca das declarações feita pelo indígena, foi de que todas as 24 comunidades sofreram uma forte influencia do sistema capitalista. O destaque ficou por conta da constatação de que algumas lideranças que lutaram para que as terras indígenas fossem demarcadas em áreas contínuas, também lutam para manter sua cultura e costumes.

Na fala da dona Alcinede da etnia macuxi comunidade Sol Nascente “nós sempre trabalhamos Economia Solidária só que com o passar dos anos estamos perdendo a tradição do trabalho coletivo, agora as pessoas estão muito individuais, temos um projeto de gado da fazenda das mulheres, mas as mulheres não querem trabalhar juntas só tem algumas que resistem, as formações da Economia Solidária vieram para nos ajudar novamente a nos organizar”. Segundo seu Paulo da etnia maxuxi comunidade Sol Nascente “o melhor caminho é trabalhar juntos no coletivo, uns ajudando os outros, resgatar nossa cultura”.

Outro destaque necessário é revelar que para as formações chegarem na comunidade indígena seria necessária a parceria e a Organização Indígena da Cidade – ODIC foi fundamental nesse processo, pois a relação de confiança ainda não estava estabelecida entre CFES, movimento de ES e comunidades indígenas. Foi por meio da ODIC que foi possível essa aproximação e com o apoio das organizações: Associação dos Povos Taurepang, Wapchana e Macuxi, Associação dos povos indígenas Terras São Marcos – APITSM, Movimento Indígena das mulheres do Alto São Marcos - MIMASM, além do apoio do coordenador da Região e dos tuxauas, e o apoio da Prefeitura de Pacaraima, da Rede de Educação Cidadã

– RECIDE/RR, do MDA e do Fórum de Economia Solidária.

Durante o processo de formação foi criada uma comissão de Economia Solidária para a região, o primeiro efeito da formação na terra indígena. Essa comissão foi significativa para as realizações das formações.

O debate que ficou marcado durante o processo de formação foi a decisão dos participantes da oficina em sistematizar ou não a experiência. A formadora Elielma esclareceu que a oficina realizada naquele momento era para sistematizar a experiência vivenciada durante as formações do CFES; esclareceu também que a sistematização se apresentará em forma de um artigo e será publicado em um livro; esclareceu que será publicado o avanço da Economia Solidária por meio das formações do CFES e que o objetivo não é escrever a história das comunidades, mas sobre os efeitos que as formações do CFES trouxeram para as comunidades indígenas.

Abaixo os relatos dos participantes acerca do debate:

Tuxaua (comunidade Boca da Mata): “cada comunidade tem uma história, sua cultura e povo, sua arte, é bom que todo ano haja uma feira, pois isso motiva a artesã a fazer mais e melhor. Quando não se escreve se perde parte da história, mas quando se junta com os outros, fortalece o conhecimento. É uma alegria participar desse encontro, qual é a história que vamos contar? Toda história tem sua beleza”.

Mizael (comunidade Arai): “aprendeu o que é coletividade – o que ele aprendeu divulgou na comunidade, antes todos trabalhavam em mutirão, hoje os jovens querem ajudar para trabalhar neste momento após o que foi repassado; a comunidade esta mais unida”.

Odete (comunidade Arai): “estamos fazendo o que o CFES está fazendo, reunião, oficinas, a Economia Solidária é importante, mas estou aprendendo, participo das reuniões, o artesanato da comunidade sabe fazer muitas coisas, e na próxima vez irão trazer a arte da comunidade. Agradeço pela participação e peço que o serviço não pare, que haja uma continuidade dos trabalhos”.

Paulo (comunidade Sol Nascente): “há preocupação com o cooperativismo e o associativismo, sou contra, mas a Economia Solidária abriu meu entendimento sobre isso, o que falta é a coletividade dentro da comunidade, temos que lutar com o povo, pra alguns nada aconteceu e outros alguma coisa mudou, a dificuldade de disseminar o trabalho da Economia Solidária, temos que ver que há um trabalho árduo com relação a projeto.

Zenaide (comunidade Curicaca – etnia macuxi): “eu não sabia o que era Economia Solidária – mas durante as oficinas entendi que é trabalho coletivo, o que falta é ser organizado; as oficinas serviu para abrir os olhos é necessário trazer o povo, a EcoSol fortaleceu a renda e aproxima a comunidade, forma de trabalhar o coletivo, temos que buscar o coletivo e unidade de todos”.

Leonede (comunidade Boca da Mata): “a Economia Solidária comoveu as pessoa como participantes das reuniões, estamos em busca de desempenhar nosso papel, transmitir o conhecimento e mostrar o caminho”.

Marciane (comunidade Boca da Mata – etnia macuxi): “a Economia Solidária é um

conhecimento, falta unidade das comunidades, na comunidade Boca da Mata há Economia Solidária como as mulheres, vale a pena, a EcoSol abriu a mente para uma nova economia”.

Silvana (comunidade Boca da Mata – etnia tucano): “esta aqui para aprender se aprofundar e divulgar a Economia Solidária, já praticamos a solidariedade”.

Zenilton (comunidade Sabiá): “estamos buscando o conhecimento da EcoSol, com relação ao cooperativismo, aos encontros, falta a coletividade, é importante trabalhar dessa forma e buscar para que mais pessoas participem das reuniões, precisamos nos dedicar a EcoSol para poder trabalhar de forma eficiente dentro da comunidade”.

Aparecida (comunidade Sabiá): “a EcoSol avançou na disseminação do conhecimento, a EcoSol nos incentiva a coletividade, os que não sabiam conheceram o nosso sistema de trabalho; a comissão está estudando para repassar o conhecimento, buscando parcerias; há dificuldade e a participação das pessoas que vem em uma palestra, na outra não vem, a comunidade esta trabalhando com 24 comunidades”.

Julio, artesão (comunidade Nova Esperança): “estou aprendendo colocar na prática todo o conhecimento para mostrar que juntos a EcoSol está funcionando”.

Alvinha (comunidade Sorocaima II – etnia macuxi): “tinha curiosidade em saber o que é Economia Solidária, hoje chegou na comunidade; há muito para aprender e ajudar a outras comunidades”.

Um outro debate acalorado da oficina de sistematização foi a publicação do conteúdo. Os indígenas foram categóricos em afirmar que há muita pesquisa, mas pouco retorno para a comunidade daquilo que os pesquisadores descobrem. Daí a resistência inicial se eles aprovavam ou não a sistematização do CFES em comunidades indígenas. Abaixo as afirmações:

Jucineide: “para ser um formador é preciso o apoio da comunidade, para ver o final do trabalho, pois quem vai fortalecer é a própria comunidade o que queremos é ver o resultado, antes disso existe a pesquisa, do nosso trabalho, mas nós mesmos não sabemos os de fora sabe, mas a comunidade não sabe, como vamos fazer o nosso livro? Como surgiu a comunidade? Pois entra e sai pesquisadores, como cobrar o nosso livro?”

Paulo: “somos formadores ou formadores?, somos formadores! Cada um de nós tem seu conhecimento, a Economia Solidária abriu nossas mentes, mas é necessário administração e manter o conhecimento, precisamos fazer projeto.”

Leoneide: “já trabalhamos nesse sistema, só não sabíamos o nome e na comunidade Boca da Mata, alguns estão vindo pela primeira vez, estão interessadas em aprender.”

Zenilton: “todos ganham em cima dos indígenas, temos quem querem resgatar a história de fora. Que deveria ser organizado pela organização local e não estadual. A Economia Solidária tem o pensamento diferente do mundo capitalista. Será muito mais fácil publicar até mesmo para nos defender.”

Bernadinho: “foi fotografado, documentado toda a história da comunidade, há pessoas responsáveis que querem o bem comum de todos e a outras pessoas que

não”.

Ao término da oficina, ficou firmado o compromisso da sistematização da experiência de formação em Comunidade Indígena e seus efeitos práticos; que ela traga uma devolutiva por meio do artigo publicado, que seja entregue o resultado desse trabalho aos participantes.

Acreditamos que com esse ato fica marcada a seriedade e o compromisso do movimento da Economia Solidária para e nas comunidades indígenas, sendo o projeto CFES uma ferramenta de auxílio e fomento às práticas do trabalho coletivo.

4 Conclusões

Assim a interiorização das atividades do CFES foi uma dessas soluções que trouxeram amplitude à política. Se por um lado foi positivo porque conseguimos levar os princípios da ES para os municípios de Roraima, por outro lado, esse movimento só foi possível por conta do sacrifício que os educadores e educadores fizeram para concretizar esse intento.

Os resultados dessa interiorização estão expressos na quantidade de participantes dos eventos. No segundo ano o CFES/Roraima além de continuar atendendo às demandas de Boa Vista, chegou-se aos municípios do Cantá, de Caracarái, de Mucajaí, Caroebe, de Rorainópolis e de Pacaraima. Na experiência no Centro Macunaíma na Terra Indígena do Alto São Marcos, que compreende 24 comunidades, com as etnias Macuxi, Wapchana e Taurepang, no município de Pacaraima, Estado de Roraima, o projeto disseminou a formação em Economia Solidária educadores, na qual a política deveria ser regionalizada. No total foram 891 participantes em 2012. O destaque ficou para o último curso que aconteceu na Orla Taumanam onde os discentes do curso de Gestão indígena do Instituto Insikiran participaram expressivamente. Enfim, do ponto de vista mais geral se considerarmos os propósitos do projeto CFES/Roraima o resultados foram positivos seja na perspectiva do atendimento aos participantes, seja pela disseminação dos princípios da ES.

5 Referências Bibliográficas

Associação Nacional de Trabalhadores e Empresa de Autogestão - ANTEAG. **Autogestão e Economia Solidária: uma nova metodologia**. 2. V, São Paulo: Altamira Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005**. Brasília: MTE/SENAES, 2006. 60p

_____. **Banco de Dados do Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES)**. Brasília: MTE/SENAES, 2008. Disponível em <http://www.mte.gov.br/Empregador/EconomiaSolidaria/conteudo/RelatorioPublico.asp?SGUF=RR>. Acesso em: 26 de junho de 2012

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005**. Brasília: MTE/SENAES, 2006. 60p

_____. **Termo de Referência para implantação dos Centros de Formação em Economia Solidária - CFES1**. Brasília: MTE/SENAES, 2007. 13p

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Secretaria Nacional de Economia Solidária PPDLES - Projeto de Promoção do Desenvolvimento Local e Economia Solidária**. Brasília: MTE/SENAES, 2006.

_____. SENAES, 2011. **Boletim Informativo - Número 23** - Brasília, agosto de 2011.

_____. SENAES, 2009. **Boletim Informativo Número 4** – Brasília, maio de 2009.

_____. SENAES, 2012. **Boletim Informativo - Número 26** - Brasília, março de 2012

CALBINO, Daniel; BARRETO, Raquel; DINIZ, Ana Paula. **Economia Solidária e Políticas Públicas: uma aproximação possível, mas desejável?** Gestão Contemporânea, Porto Alegre, ano 8, n. 9, p. 129-154, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://seer2.fapa.com.br/index.php/arquivo>

CULTI, Maria Nezilda. **Reflexões sobre o processo de incubação de empreendimentos econômicos solidários e seus limites**. I Conferência Nacional de Economia Solidária da Rede Unitrabalho, São Paulo, 2002.

_____. **Economia Solidária no Brasil: tipologia dos empreendimentos econômicos solidários** – São Paulo: Todos os Bichos, 2010. 120p.

FERRARINI, Adriane Vieira. **Formação em Economia Solidária no Rio Grande do Sul: perfil preliminar e desafios identificados junto aos participantes do centro de formação em Economia Solidária da região Sul (CFES Sul)**. Anais do XI Congresso Luso Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidade e (DES) igualdades. Salvador, 7 a 10 de Agosto de 2011. Universidade Federal da Bahia, UFba, 17p. Disponível em

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307719857_ARQUIVO_conlab2011ferrarinini.pdf Acesso em 28 de setembro de 2012.

Fórum Brasileiro de Economia Solidária. 2008. **Relatório da IV Plenária Nacional de ES**, 2008. Relatório final, 89p.

Fórum Brasileiro de Economia Solidária. FBES, 2012. Disponível em: http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=61&Itemid=57 Acesso em 01 de setembro de 2012.

GRADE, Marlene.; PEREIRA, Meire Joisy Almeida. (orgs.) **Mulheres migrantes e indígenas em Roraima: a construção de uma trajetória coletiva**. Boa Vista: UFRR/PROEX, 2010.

GAIGER, Luis Inácio. **O trabalho ao centro da economia popular solidária**. XIII Encontro Anual da ANPOCS (GT Trabalho e Sociedade), Caxambu. 1999.

_____. Os caminhos da Economia Solidária no Rio Grande do Sul. In: SINGER Paul; SOUZA, André Ricardo de (Orgs). **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 267- 286.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social** – 6 ed. 3 reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

LEMONS, Dalila Marques. **Possibilidades Solidárias do Trabalho: A Economia Solidária no Estado de Roraima**. Universidade Federal de Roraima, 2011, Monografia de Conclusão do Curso de Administração. 59p.

RECID. **Relatório da rede de educação cidadã no estado de Roraima**. Mimeo, Boa Vista, RECID, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Relatório da ITCPES do projeto do CFES**. Mimeo, Boa Vista: UFRR/PROEX, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Relatório da ITCPES do projeto CFES**. Mimeo, Boa Vista: UFRR/PROEX, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Relatório da oficina de Sistematização das atividades de formação realizadas nas Terras Indígenas Alto São Marcos, no âmbito do Projeto CFES/RR**. Mimeo, Boa Vista: UFRR/PROEX, 2012.